



Associação Brasileira de Pesquisadores
em Jornalismo

Jornalismo imersivo em sala de aula: diagnóstico, desafios e soluções em cursos de graduação no Brasil

Resumo: O jornalismo imersivo tem ocupado espaços nas salas de aula dos cursos da área da Comunicação. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho foi mapear e diagnosticar como se dão as práticas de ensino do jornalismo imersivo no Brasil. A metodologia foi composta por pesquisas bibliográfica e exploratória, além de entrevistas semiestruturadas. Os resultados apontam para o ensino do jornalismo imersivo majoritariamente dentro do conteúdo de disciplinas diversas relacionadas ao jornalismo digital, diversidade de práticas e habilidades acionadas. Dentre os desafios, predominam conseguir desviar da centralidade na tecnologia, a falta de equipamentos e de estruturas laboratoriais.

Palavras-chave: jornalismo imersivo; ensino; docência; narrativas imersivas; jornalismo digital.

1. Introdução

Uma situação paradoxal marca o jornalismo imersivo na pesquisa acadêmica e no mundo do trabalho ao final da primeira década após a formulação do conceito por De La Peña et al. (2010). Por um lado, vem crescendo o número de pesquisas científicas sobre o jornalismo imersivo, já por outro, as organizações midiáticas têm reduzido os investimentos na produção de notícias explorando formatos como a realidade virtual (RV), a realidade aumentada (RA), documentários interativos, *newsgame*, entre outros (FONSECA, LIMA, BARBOSA, 2019). Em meio a este contexto, estão docentes e discentes dos cursos de graduação na área da Comunicação buscando reagir e imprimir posições que têm o potencial de direcionar o futuro dos processos produtivos e de produtos jornalísticos imersivos em suas práticas de ensino-aprendizagem.

O objetivo deste trabalho é mapear e diagnosticar como se dão as práticas de ensino do jornalismo imersivo em cursos de graduação na área da Comunicação no Brasil. Produtos jornalísticos imersivos têm um potencial de promover inovações nas formas de narrar o acontecimento (BENÍTEZ DE GRACIA; DAMAS, 2017), mas há também obstáculos relacionados aos custos de produção destas peças (WATSON, 2017). Quando se trata das instituições de ensino superior no Brasil, que já enfrentam problemas com relação a estrutura e equipamentos para laboratórios (MACHADO, 2007), as dificuldades podem ser ainda maiores.

Para este estudo, metodologicamente, organizamos a investigação combinando a pesquisa exploratória na Plataforma Lattes, para identificar os docentes, com entrevistas semiestruturadas. Este estudo sobre o diagnóstico do ensino do jornalismo imersivo no Brasil traz importantes registros sobre como docentes e discentes constroem simultaneamente situações de ensino-aprendizagem mobilizadas pelas mudanças tecnológicas. Deuze (2006) apontava que estas transformações eram lentamente absorvidas pelos currículos dos cursos de Jornalismo. Entretanto, experiências brasileiras mostram que soluções criativas podem ser empreendidas para dar conta da velocidade das inovações tecnológicas digitais que se impõem na sociedade (MACHADO et. al., 2018; RIBAS, 2006). No caso do jornalismo imersivo, nossos achados indicam que projetos de conclusão de curso, atividades de pesquisa e extensão ou em laboratórios, além das disciplinas, são alguns dos locais em que experiências de ensino-aprendizagem em jornalismo imersivo estão ocorrendo no Brasil.

2. O conceito de jornalismo imersivo

No mundo da produção de notícias, dentro do escopo do uso de novas ferramentas advindas do desenvolvimento tecnológico, surgem formatos direcionados para a imersão e a experiência. A imersão é considerada por Fonseca (2020) uma categoria estruturante e indutora de inovações no jornalismo, influenciando todo o processo produtivo. Já a experiência é um elemento que vem sendo cada vez mais valorizado (LONGHI; CAETANO, 2019) na tentativa de promover uma aproximação

da experiência autêntica, que é o aqui e agora do fato gerador da notícia (FONSECA; LIMA; BARBOSA, 2020b).

Marcando o deslançar de produções jornalísticas imersivas utilizando sobretudo a RV, RA e o *newsgame*, o conceito de jornalismo imersivo foi cunhado por De La Peña et al. (2010) com foco na ideia da experiência em primeira pessoa, não sendo uma forma de relatar os fatos, mas de fazer o público imergir neles. Os ambientes virtuais são construídos em computador e os usuários, representados por *avatares*, podem se locomover por eles. Ter a sensação de estar presente no lugar virtual e de que esse mundo responde aos seus estímulos, são características dessa experiência em primeira pessoa. Esse conceito serviu de base para diversas investigações da mesma categoria.

Entretanto, percebe-se que há uma certa desconexão do conceito de jornalismo imersivo e suas características, com a maioria das produções disseminadas no mundo do trabalho consideradas como tal (FONSECA; LIMA; BARBOSA, 2019). Utilizam predominantemente vídeos 360°, que oferecem apenas a opção de escolher o ângulo de visão no vídeo esférico. Além dos vídeos 360°, o desenvolvimento tecnológico que se deu a partir de 2010 aprimorou ferramentas com potencial imersivo como geolocalização, bases de dados, *drones* e som binaural. Dessa forma, o conceito de jornalismo imersivo passou a não abranger a diversidade de produtos jornalísticos imersivos.

Assim, novas reflexões emergiram no mundo acadêmico, alargando a ideia inicial de jornalismo imersivo. Podemos citar o jornalismo experiencial (PAVLIK, 2019), que tem o objetivo de fazer o espectador se envolver com experiências de notícias, que são narrativas de estimulação multissensorial. Outro exemplo são as narrativas complexas, inspiradas na expansão da imagem para além dos limites da tela, numa liberação do enquadramento. Envolve características como imersão, fluidez e experiência (LONGHI, 2020).

Neste artigo, consideramos o conceito de jornalismo imersivo de maneira alargada, agregando essas outras proposições que igualmente investem na imersão e na experiência para promover uma maior aproximação do público com os conteúdos das notícias. Dessa forma, conseguimos uma maior conexão com as materialidades produzidas no mundo do trabalho e com os formatos utilizados em sala de aula.

3. Ensino de jornalismo digital

A velocidade das mudanças impostas pela tecnologia transformou consideravelmente o perfil do jornalista (PISCINA et al., 2016), que precisou viver em uma conjuntura de constantes adaptações. Nesse panorama, a academia passou a ter grandes dificuldades para equilibrar a teoria, os conhecimentos básicos do jornalismo e as demandas das novas tecnologias (CARLSON; LEWIS, 2019).

No Brasil, para tentar nivelar essa balança, em 2013 foram publicadas as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de Jornalismo. As orientações apontam para a formação de um profissional “com perfil generalista, humanista, crítico e reflexivo com base no desenvolvimento de competências gerais, cognitivas e pragmáticas”. Sobre a dimensão tecnológica, as diretrizes abordam a necessidade dos futuros profissionais dominarem as “tecnologias de informação e comunicação, bem como a compreensão das especificidades éticas, técnicas e estéticas do jornalismo”, além de incentivarem a inovação metodológica para o diálogo entre ensino, pesquisa e extensão (PEREIRA; MOREIRA, 2020, p. 262). No contexto do que orientam as DCNs, Miranda e Ayres (2020) consideram que disciplinas e atividades laboratoriais são lugares de experimentações que vão conduzir os alunos a não pensarem apenas a partir dos modelos tradicionais de narrativa (MIRANDA et al., 2015).

Pavlik (2013) sugere que os cursos de jornalismo apostem na criação de conteúdo com ética, no pensamento crítico, na expansão da essência interdisciplinar e no empreendedorismo. Aguiar e Gabry (2020) relatam a experiência de uma disciplina que envolveu novos modelos de negócios de cunho inovador para empresas jornalísticas. Dentre os principais nichos de atuação explorados em sala de aula, a partir das *startups* jornalísticas brasileiras já existentes, estão: agências de checagem, jornalismo de dados, infográficos, narrativas com câmeras aéreas não-tripuladas (*drone*) e jornalismo em vídeo imersivo 360°.

No estudo conduzido por Uskali e Ikonen (2020a), direcionado para países de língua inglesa, identificou-se: a) uma quantidade pequena de professores e instituições de ensino trabalhando com jornalismo de RV; b) uma grande variedade de modelos de

ensino, todos relacionados a uma pedagogia inovadora voltada para a exploração; c) abordagens multidisciplinares; e d) a necessidade de combinar habilidades jornalísticas, gerenciais, diplomáticas e empreendedoras.

Nyre e Vindenes (2019) analisaram um experimento pedagógico em que discentes do curso de jornalismo elaboraram narrativas em RV e exploraram a técnica do testemunho para este tipo de formato. McArthur (2019) por sua vez, descreveu uma experiência com alunos, nos Estados Unidos, de desenvolvimento de um protótipo digital interativo para a produção de notícias envolvendo realidade aumentada, refletindo sobre a democratização da tecnologia e possibilidades pedagógicas interdisciplinares. A colaboração interdisciplinar foi o foco da experiência pedagógica relatada por Hultén e Edwardsson (2018), na qual foi construída uma narrativa digital imersiva com a participação de pessoas de programas educacionais diferentes. Já Marnane (2019) explorou os vídeos 360° para análises interdisciplinares em salas de aula com os estudos literários.

No Brasil, Santos (2019) investiu em práticas laboratoriais em um projeto de produção de conteúdo jornalístico imersivo, desenvolvimento de interface de controle e aplicação de testes de usabilidade. A equipe do laboratório envolve bolsistas de múltiplas áreas como jornalismo, rádio e TV, design e ciências da computação. Já Marciano (2020) relata que desenvolveu e aplicou uma metodologia para a construção de *newsgame* por alunos de Jornalismo. E Rodrigues (2019), por sua vez, utilizou peças em vídeo 360° para fazer análises em sala de aula no contexto da ética jornalística e construir junto com os alunos pautas de reportagens com perspectiva imersiva.

4. Metodologia

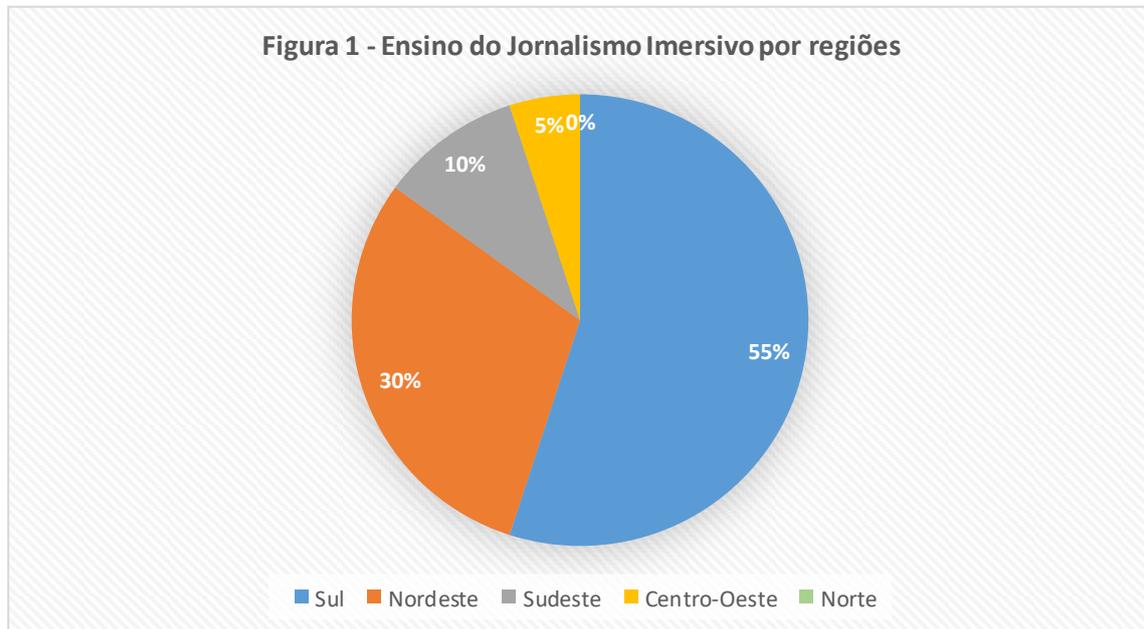
O mapeamento partiu de uma pesquisa exploratória realizada na Plataforma Lattes, base de dados oficial brasileira que reúne currículos de pesquisadores. Acionamos a busca avançada com a palavra-chave “jornalismo imersivo”. Em seguida, utilizamos alguns critérios para fazer uma seleção dos currículos: era preciso ter cursado graduação ou pós-graduação em alguma área da Comunicação; ter registrado alguma atividade como docente; ter ministrado disciplina(s), curso(s) ou oficina(s) sobre

jornalismo imersivo, jornalismo digital, jornalismo audiovisual, novas tecnologias da Comunicação, jornalismo multimídia ou jornalismo móvel, ou com denominações correlatas; e/ou ter registrada a participação em algum projeto de pesquisa e/ou ter publicado trabalho com temas que abarquem jornalismo imersivo, jogos imersivos, áudio imersivo ou narrativas imersivas envolvendo conteúdos jornalísticos.

Esta etapa exploratória, realizada no mês de outubro de 2020, resultou em 38 currículos. Esses pesquisadores receberam, por e-mail, um formulário contendo uma entrevista semiestruturada, com perguntas abertas e fechadas. Utilizamos ainda a metodologia bola de neve, solicitando, ao final do formulário, que os participantes indicassem professores, o que nos fez incluir mais dois currículos que ainda não haviam entrado na primeira seleção. Obtivemos uma taxa de 70% de respostas ao formulário.

Como último recurso para o refinamento do *corpus*, a primeira pergunta do formulário enviado questionava o seguinte: Já trabalhou com o conteúdo de jornalismo imersivo em uma ou mais disciplina, oficina e/ou curso ministrado por você? Os que responderam “não” foram excluídos. Dos respondentes, 20 afirmaram que sim e compuseram o *corpus* da análise. Compreendemos que a metodologia tem limitações, pois professores podem não ter sido encontrados na busca inicial pela desatualização dos seus currículos e as palavras-chave utilizadas podem não ter sido suficientes. Porém, com a combinação de pesquisa exploratória na Plataforma Lattes e bola de neve, consideramos que o *corpus* delimitado é satisfatório para os objetivos deste estudo.

Observamos que 11 dos 20 professores do *corpus* trabalham em universidades do Sul do país (Figura 1). Depois vem o Nordeste com cinco professores. Em seguida, o Sudeste (2) e o Centro-Oeste (1). Nenhum professor está alocado em universidade da região Norte.



Fonte: elaboração dos autores.

5. Jornalismo imersivo na sala de aula: diagnóstico das práticas de ensino no Brasil

Componentes curriculares e conteúdos variados

Uma variedade de abordagens, metodologias e estratégias marca as práticas de ensino-aprendizagem do jornalismo imersivo no Brasil. Cinco docentes informaram que trata-se de um componente curricular completo, outros 14 responderam que este conceito era um conteúdo dentro de outro componente curricular. Em um caso, a docente ministrou aulas sobre este tema tanto em disciplina específica quanto como um conteúdo em outra disciplina. Outro aspecto está relacionado à variedade de títulos e enfoques dos componentes exclusivos sobre o jornalismo imersivo. Existem também alguns casos em que o tema é abordado em disciplinas na pós-graduação, oficinas, minicursos e trabalhos de conclusão de curso.

O debate em torno do jornalismo imersivo envolve aspectos ligados às técnicas (OWEN et. al 2015), processos (DELMAZO, 2018), linguagem (COSTA; BRASIL, 2017), narrativas (BENÍTEZ DE GRACIA; DAMAS, 2017), experiências (FONSECA,



LIMA, BARBOSA, 2020a; 2020b), entre outros, que acionam diferentes conteúdos em sala de aula. Entre os componentes curriculares exclusivos, os entrevistados informaram que trataram do histórico do tema, dos dispositivos, de variados formatos (RV, RA, *newsgame*, hiperinfografia, áudio imersivo, entre outros), das propriedades técnicas, das possibilidades narrativas, do planejamento e do desenvolvimento, além dos conceitos de imersão, empatia e experiência. Já os docentes que trabalharam o jornalismo imersivo dentro de disciplinas diversas abordaram, além dos tópicos acima, a dimensão do sensível, o jornalismo multimídia e a ética. Em um dos casos, a acessibilidade foi trabalhada pela imersão através dos sons, o que é importante “(...) não só para os ditos normais, mas para os deficientes e analfabetos também”.

A centralidade da tecnologia

A tecnologia digital tem um lugar de destaque nas discussões em torno do jornalismo imersivo desde a formulação do conceito por De La Peña (2010), que restringe este tipo de experiência ao formato de RV. Em Fonseca, Lima, Barbosa (2020a; 2020b), refletimos sobre como a relação entre imersão e jornalismo é mais profunda e envolve outros aspectos além da tecnologia, como experiência, empatia e estratégias narrativas. Entretanto, percebemos também que diversas pesquisas são influenciadas pelo artigo seminal e direcionam seus objetivos, metodologias, análises e reflexões às questões centradas na tecnologia (PÉREZ SEIJO, 2016; SUNDAR; KANG; OPREAN, 2017).

Este direcionamento das reflexões para a questão tecnológica também está presente na sala de aula. As entrevistas dos docentes revelam uma preocupação em possibilitar momentos de apreciação das peças imersivas – uma novidade para alguns estudantes. Além disso, há uma atenção com a distinção dos formatos e com a falta de uma abordagem prática pela dificuldade com equipamentos e *software*. Alguns dos diagnósticos feitos pelos docentes mostram como a tecnologia é questão central nos debates em torno do jornalismo imersivo. Destacamos dois deles como exemplos ilustrativos: “(...) a ausência de estrutura no curso dificulta o desenvolvimento de atividades práticas, como projetos com a apropriação da tecnologia de realidade virtual”

e “(...) eu teria feito a ementa e teria me “desconectado” mais da questão unicamente tecnológica (...)”.

A questão que emerge é como equilibrar o tratamento do jornalismo imersivo, que se refere a um fenômeno reconfigurado pelas tecnologias digitais, sem estacionar em uma abordagem exclusivamente tecnológica? Nos próximos tópicos, veremos algumas soluções implementadas pelos docentes entrevistados. Mas é possível antecipar algumas recomendações gerais. Canavilhas (2011) destaca que é preciso que os processos de ensino-aprendizagem tenham como objetivo estar à frente do mundo do trabalho e antecipar o futuro no lugar de ter como foco o presente. Calvo, Corpus e Lozano (2011) são ainda mais incisivos ao apontar que mais do que um comunicador com foco tecnológico, busca-se um profissional que tenha conhecimento das ferramentas e uma visão crítica de como aplicá-la.

Processos de ensino-aprendizagem baseados na autonomia

Machado (2007) nos alerta que, diante de novas práticas da comunicação digital, docentes e discentes acessam o conhecimento produzido a partir deste contexto quase simultaneamente. O impacto disto para os processos de ensino-aprendizagem é a necessidade de uma remodelagem das metodologias de ensino que precisam abandonar o formato tradicional de treinamento, em que o professor somente repassa os conteúdos, para outros tipos de práticas. Em outras palavras, é necessário enveredar por um caminho que permita ao discente a construção da sua própria autonomia.

São vários os casos em que os docentes configuraram seus planos para o ensino do jornalismo imersivo com foco nas metodologias ativas de aprendizagem, mais especificamente com a Aprendizagem Baseada em Projetos – que integra teoria e prática e mobiliza diferentes conteúdos e disciplinas (MADEIRA; GUERRA; ZEN, 2018). Os discentes foram estimulados a planejar e desenvolver *newsgame*, capturas em áudio e vídeo 360° e protótipos de produtos imersivos. Apesar dos desafios, como apontaremos na sequência deste trabalho, os discentes e docentes ficaram satisfeitos com os resultados finais.

Outra solução para diversificar as estratégias de ensino-aprendizagem é o estímulo ao desenvolvimento do olhar analítico-crítico dos discentes. Em muitos casos, aulas expositivas e debates a partir de referências bibliográficas foram base para análises críticas de produtos jornalísticos imersivos. Os discentes precisaram apresentar como trabalhos finais artigos, reflexões sobre o jornalismo imersivo, leitura crítica e exercícios aplicados.

Uma das vantagens do ensino do jornalismo imersivo largamente relatada pelos professores é o forte interesse dos alunos, facilitando o engajamento nas atividades: “(...) há muito interesse por parte do aluno com as possibilidades de se utilizar de uma nova linguagem e ferramentas para o *storytelling*”; “(...) se engajam perfeitamente e aprendem de forma bastante satisfatória”. Os professores relatam que são formatos que dialogam bem com esta geração de estudantes universitários, uma vez que a maioria deles tem o hábito de jogar.

Os desafios da prática do jornalismo imersivo na sala de aula (e alguns improvisos)

A questão da estrutura ainda é um ponto de dificuldade para docentes e discentes. Faltam óculos de RV, *software* de edição e câmeras 360°. Em muitos casos, os próprios docentes adquiriram os óculos para permitir a apreciação das peças imersivas pelos estudantes ou contavam com equipamentos dos discentes para a captura de imagens. “(...) alguns aparelhos tinham limitações de memória ou o [sistema operacional] *Android* estava desatualizado. Para dar conta dessa questão, os estudantes com aparelhos mais novos emprestaram para que os demais colegas realizassem a atividade”. “(...) o principal desafio ainda é a aquisição de equipamentos, como, por exemplo, as câmeras que gravam imagens em 360°. Devido ao alto custo, este tipo de equipamento não foi adquirido (...)”.

Em outros casos, os docentes relatam que as instituições de ensino adquiriram óculos de RV e conta na *Play Store* para hospedagem de aplicativos. Cinco participantes deste estudo relataram o uso de laboratórios, alguns com computadores com boa capacidade de processamento. Contudo, a maior parte dos docentes indicou a ausência de equipamentos de captura de imagens imersivas. Entre os improvisos estão a



aquisição pela própria aluna, em um caso de trabalho de conclusão de curso; o estabelecimento de articulação entre universidade e empresa e instituições de pesquisa. “A meu ver, estamos no âmbito experimental da linguagem e da busca do formato adequado para as narrativas”, afirma um docente que conseguiu adquirir câmeras 360° através de um projeto de pesquisa financiado pelo CNPq.

Carência das dimensões da ética e da estética e das experiências multidisciplinares

Algumas carências foram notadas a partir da análise das respostas dos entrevistados. Não é possível afirmar que a ética, a estética e as experiências multidisciplinares sejam perspectivas inexistentes na rotina de docentes e discentes, mas chama a atenção que tenham sido citadas por apenas um ou dois participantes – ou nenhum, como no caso da multidisciplinaridade.

Uma das respondentes que citou o trabalho articulado entre o jornalismo imersivo e a estética defende: “A dimensão sensível que subsume as estruturas narrativas e discursivas desses fenômenos, e que lhes dão as diferenças em relação a outras narrativas e figurações dos mesmos fatos”. Neste sentido, uma série de aspectos ligados à relação entre sujeitos, seus relatos e reações podem ser acionados e trabalhados para o desenvolvimento de uma visão crítica sobre as experiências estéticas proporcionadas por produtos noticiosos imersivos (FONSECA; LIMA; BARBOSA, 2020a). Mais do que a abordagem do ponto de vista dos conteúdos, o docente pode dar um salto ainda maior se consegue incorporar esta dimensão sensível, que aciona o lúdico e o estímulo à criatividade, em seu modelo pedagógico.

Os formatos imersivos, que têm o potencial de influenciar emoções, despertar empatia, causar efeitos positivos ou negativos na saúde dos sujeitos, precisam ser refletidos no ambiente de ensino-aprendizagem tendo em vista a responsabilidade e consequências de uma produção (USKALI; IKONEN, 2020b). Entretanto, os desafios éticos ficaram praticamente ausentes nas respostas.

Outra ausência notada foi a experiência de trabalhos multidisciplinares, embora tenha sido consideravelmente encontrada em experiências relatadas na bibliografia acionada. Esse aspecto caracteriza a produção de narrativas imersivas e pode prover

soluções para um problema apontado por um docente. “Não possuo habilidade para trabalhar com *software* específicos de produção de imagens ou ambientes sintéticos, como *Unity*. Também não tenho experiência com produção de realidade aumentada”. É difícil para o docente concentrar tantas habilidades envolvidas no jornalismo imersivo como a linguagem audiovisual, o manejo das tecnologias que envolvem a produção, a gestão do trabalho, a busca por parcerias, por exemplo são apenas algumas das entradas acionadas e que demandam abordagens multidisciplinares (USKALI; IKONEN, 2020a).

O impacto da pandemia

O período da pandemia de Covid-19 impactou profundamente as dinâmicas de ensino-aprendizagem – por conta da necessidade de distanciamento social para o controle da transmissão do vírus – sobretudo com as aulas de jornalismo imersivo que demandam uma disponibilidade de equipamentos de uso individual e do corpo. Diversos docentes relataram a necessidade de ajustes em seus planos de ensino para a adaptação durante este período. O foco das aulas se concentrou no debate teórico-conceitual, apreciação de peças e estudos de caso. Na avaliação deles, houve prejuízos entre os que investiam em atividades práticas envolvendo o jornalismo imersivo.

Considerações finais

Este trabalho teve o objetivo de mapear e diagnosticar como se dão as práticas de ensino do jornalismo imersivo em cursos de graduação na área da Comunicação no Brasil. Entrevistamos 20 professores e constatamos que o ensino do jornalismo imersivo se dá principalmente nas regiões Sul e Nordeste do Brasil. A maioria trabalha o tema em módulos atrelados aos componentes curriculares de caráter mais geral. Não há um padrão de nomenclaturas destas disciplinas nem de metodologias. Os desafios estão relacionados, sobretudo, à falta de equipamentos e estruturas laboratoriais.

Na difícil tarefa de dar sentido a um tema recente e em construção, como o jornalismo imersivo, os docentes podem facilmente dar centralidade demasiada à tecnologia, como foi observado em alguns casos, pela própria natureza desses formatos

emergentes. Parte dos respondentes, com quem concordamos, se preocupa em não imprimir um caráter meramente tecnológico ao ensino de jornalismo. O desafio é proporcionar o desenvolvimento de habilidades necessárias ao desempenho da atividade jornalística sem a vinculação exclusiva a equipamentos específicos.

Assim, é necessário sistematizar as competências históricas do jornalismo para fazer a adequação tecnológica (MEDITSCH, 2007). Essa capacidade de adaptação, enfatizada por pesquisadores, deve ser treinada e ensinada dentro de sala de aula. Portanto, reconhecemos a importância de abordar nas salas de aulas dos cursos de Jornalismo conteúdos relacionados ao jornalismo imersivo, uma vez que demonstra ser uma rica e versátil ferramenta de ensino, atrelada com a realidade contemporânea, que pode contribuir sobremaneira para a formação de novos jornalistas.

A partir dos relatos coletados nas entrevistas e da bibliografia acionada, podemos afirmar que, para além da centralidade em tecnologias específicas, o jornalismo imersivo tem o potencial de fomentar habilidades e competências como raciocínio crítico, criatividade, planejamento, desenvolvimento e execução de projetos (da pauta à linguagem) adaptados a formatos não convencionais de contar histórias, É possível também fazer discussões sobre “(...) novas arquiteturas da notícia”, encarando “(...) a imersão como característica/ aplicação/método ou até mesmo uma postura independente de uma tecnologia/modismo da época”, diz um dos participantes. E ainda fomentar reflexões sobre a dimensão sensível, a experiência estética, os valores jornalísticos e a ética aplicados às novas mídias.

Por fim, destacamos a importância de atividades laboratoriais e interdisciplinares para o desenvolvimento de competências que fazem relação com autonomia, resolução de problemas, trabalho em equipe e capacidade de lidar com pessoas de áreas diferentes. São questões bastante enfatizadas na bibliografia, mas não é uma realidade do ensino do jornalismo imersivo no Brasil por problemas de financiamento e investimento nas universidades brasileiras, sobretudo nas públicas.

Referências

AGUIAR, P; GABRY, V. Ensino crítico de empreendedorismo. In: MEDITSCH, E; KRONBAUER, J; BEZERRA, J.F. (Orgs.). **Pedagogia do jornalismo: Desafios, experiências e inovações**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020.

BENÍTEZ DE GRACIA, M.J; HERRERA DAMAS, S. El reportaje inmersivo a través del vídeo en 360 grados: ventajas, límites y buenas prácticas. In: TORRADO, S; RÓDENAS, G; FERREIRAS, J.G (Eds.) **Territorios transmedia y narrativas audiovisuales**. Barcelona: UOC, 2017.

CALVO, S.T.; CORPUS, R.S; LOZANO, F.E. La formación Del ciberperiodista 2.0: retos, competencias y habilidades Del comunicador 2.0. In: QUADROS, C; CAETANO, K; LARANJEIRA, A (Orgs.). **Jornalismo e Convergência: ensino e prática profissionais**. Covilhã: Livros LabCom, 2011. p. 27-46.

CANAVILHAS, J. Ensino do jornalismo: o digital como oportunidade. In: QUADROS, C; CAETANO, K; LARANJEIRA, A (Orgs.). **Jornalismo e Convergência: ensino e prática profissionais**. Covilhã: Livros LabCom, 2011. p. 17-26

COSTA, L C da; BRASIL, A. Realidade Virtual: Inovação técnica e narrativa no jornalismo imersivo. **Contemporanea - Revista de Comunicação e Cultura**, v. 15, n. 1, p. 141–161, 2017.

CARLSON, M; LEWIS, S C. Temporal reflexivity in journalism studies: Making sense of change in a more timely fashion. **Journalism**, v. 20, n. 5, p. 642-650, 2019.

DE LA PEÑA, N. et al. Immersive Journalism: Immersive Virtual Reality for the First Person Experience of News. **Presence: Teleoperators & Virtual Environments**, v. 19, 2010.

DELMAZO, C. The use of 360-degree video to provide an alternative media approach to paralympic sports. In: **Interactivity, game creation, design, learning, and innovation**. Springer, Cham, 2018. p. 200-205.

DEUZE, M. Global Journalism Education: A Conceptual Approach. **Journalism Studies**, v. 7, n. 1, p. 19-34, 2006.

FIDALGO, A. O ensino do jornalismo online. In: MACHADO, E, PALACIOS, M (Orgs.). **O Ensino do jornalismo em redes de alta velocidade: metodologias & software**. Salvador: EDUFBA, 2007.

FONSECA, A. dos A. **A imersão como categoria estruturante e indutora de inovações no jornalismo em redes digitais**. 2020. 471 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

FONSECA, A. dos A.; LIMA, L.; BARBOSA, S. Análise da experiência no jornalismo orientado à imersão. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 18, 2020a, evento virtual. **Anais do 18º Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo**. SBPJor Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2020a.

FONSECA, A. dos A.; LIMA, L.; BARBOSA, S. Uma Proposta de Framework Teórico para Análise da Experiência no Jornalismo Imersivo. **E-compós**, v. 23, p. 1-30, jan-dez 2020b.

FONSECA, A. dos A.; LIMA, L.; BARBOSA, S. Jornalismo Imersivo: dez anos de pesquisas e produções. **International journal on Stereo & Immersive Media**, Lisboa, Portugal, v. 3, n. 1, 2019.

HULTÉN, G; EDWARDSSON, M.; Storylab Lessons. A Collaborative Project Between Courses in Journalism and Media Technology. **Nordicom Review**, v. 39, n. 1, pp. 3-17, 2018.

LONGHI, R. Narrativas Complexas no Ciberjornalismo. Interface, Imagem, Imersão. In: LONGHI, R; LOVATO, A; GIFREU, A (Orgs.). **Narrativas Complexas**. Aveiro: Ria Editorial, 2020.

LONGHI, R.R; CAETANO, K. Valor-experiência no contexto do jornalismo experiencial. **Galáxia (São Paulo)**, p. 82-95, 2019.

MACHADO, E; PALACIOS, M; SCHWINGEL, C; ROCHA, L. Plataforma Panopticon: Um jornal laboratório, multi-usuário e descentralizado. In: PALACIOS, M; BARBOSA, S; MACHADO, E. (Org.). **GJOL: 20 anos de percurso. Textos fundadores e metodológicos**. 1ed.Salvador: EDFUBA, 2018, v. 1, p. 237-248.

MACHADO, E. O ensino de jornalismo em tempos de ciberespaço. In: MACHADO, E; PALACIOS, M. **O Ensino do jornalismo em redes de alta velocidade: metodologias & software**. Salvador: EDUFBA, p. 11-21, 2007.

MADEIRA, A. V.; GUERRA, D.; ZEN, G. Metodologias participativas, colaborativas e criativas na educação universitária. IN: D'ÁVILA, C; MADEIRA, A.V. **Ateliê didático: uma abordagem criativa na formação continuada de docentes universitários**. Edufba, 2018.

MARCIANO, C.N. **Da pauta ao play: proposta metodológica para o planejamento e desenvolvimento de newsgames**. 432 p. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020

MCARTHUR, V. HCI in Praxis: Teaching Augmented-Reality Storytelling in a Journalism Classroom. **Interactions**, 2019.

MARNANE, R. From Print to 360-Degree Immersive: On Introducing Literary Journalism across Media. **Literary Journalism Studies**, v. 11, n. 2, p. 137-157, 2019.

MEDITSCH, E. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v.1, n.1, p.41-62, 2007.

MIRANDA, C.F.; AYRES, Melina de la Barrera. Disciplinas Laboratoriais: Aprendizado que passa pelo corpo. In: MEDITSCH, E; KRONBAUER, J; BEZERRA, J.F. (Orgs.). **Pedagogia do jornalismo: Desafios, experiências e inovações**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020.

MIRANDA, C.F; BARBOSA, R; VANZIN, T; ULBRICHT, V.R; BALDESSAR, M. J. A criatividade no ensino do jornalismo interativo. In: VANZIN, T; ULBRICHT, V.R; BATISTA, C.R (Orgs.). **Criatividade e Inovação na Educação**, São Paulo: Pimenta Cultural, 2015.

NYRE, L; VINDENES, J. Immersive Journalism as a witnessing. In: USKALI, T.; GYNNILD, A.; JONES, S.; SIRKKUNEN, E. (Eds). **Immersive Journalism as Storytelling**. London e New York: Routledge, 2020.

OWEN, T; PITT, F; ARONSON-RATH, R; MILWARD, J. Virtual reality journalism. Tow Center for Digital Journalism, Columbia Journalism School, 2015.

PALACIOS, M; MACHADO, E. Competências digitais dos profissionais de comunicação: confrontando demandas de mercado e experiências pedagógicas. In: MACHADO, E, PALÁCIOS, M (Orgs). **O Ensino do jornalismo em redes de alta velocidade: metodologias & software**. Salvador: EDUFBA, 2007.

PAVLIK, J. **Journalism in the Age of Virtual Reality: How Experiential Media Are Transforming News**. New York: Columbia University Press, 2019.

PAVLIK, J. A Vision for Transformative Leadership: Rethinking Journalism and Mass Communication Education for the Twenty-First Century. **Journalism & Mass Communication Educator**, v. 68, n. 3, p. 211-221, 2013.

PEREIRA, A. A; MOREIRA, S. V. Gestão, produção e alcance do Jornalismo Digital. In: MEDITSCH, E; KRONBAUER, J; BEZERRA, J.F (Orgs.). **Pedagogia do jornalismo: Desafios, experiências e inovações**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020.

PÉREZ-SEIJO, S. **Origen y evolución del periodismo inmersivo en el panorama internacional**. In: II Simposio de la Red Internacional de Investigación de Gestión de la Comunicación 2016, Quito, Equador. Anais... Quito, Equador, 2016.

PISCINA, T R de la, ZABALONDO, B, AIESTARAN, A; AGIRRE, A. The Future of Journalism. Who to Believe? **Journalism Practice**, v. 10, n. 1, p. 71-92, 2016.

RIBAS, B. Blogs como ferramentas de ensino do jornalismo. In: MACHADO, E; PALACIOS, M. **O Ensino do jornalismo em redes de alta velocidade: metodologias & software**. Salvador: EDUFBA, p. 159-176, 2007.

RODRIGUES, L.C. Jornalismo, tecnologias imersivas e ética: um relato de experiência docente. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 17, 2019, Goiânia, GO. **Anais do 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2019.

SANTOS, M.C. Narrativas e desenvolvimento de conteúdo imersivo: aplicação de sistemas bi e multissensoriais de realidade virtual no jornalismo. **Intercom - RBCC**, v. 42, n. 3, p.133-150, São Paulo, 2019.

SUNDAR, S. S; KANG, J; OPREAN, D. Being there in the midst of the story: How immersive journalism affects our perceptions and cognitions. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v. 20, n. 11, p. 672-682, 2017.

USKALI, T; IKONEN, P. Teaching Immersive Journalism. In: USKALI, T.; GYNNILD, A.; JONES, S.; SIRKKUNEN, E. (Eds). **Immersive Journalism as Storytelling**. London e New York: Routledge, 2020a.



USKALI, T.; IKONEN, P. The impact of emotions in immersive journalism. In: USKALI, T.; GYNNILD, A.; JONES, S.; SIRKKUNEN, E. (Eds). **Immersive Journalism as Storytelling**. London e New York: Routledge, 2020b.

WATSON, Z. VR for the news: The new reality? Report - Reuters Institute for the Study of Journalism. 2017. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/our-research/vr-news-new-reality> . Acesso: 22 mai.2020.